

Revista Latinoamericana de Psicopatologia

Fundamental

ISSN: 1415-4714

psicopatologafundamental@uol.com.br

Associação Universitária de Pesquisa em

Psicopatologia Fundamental

Brasil

Galdini Raimundo Oda, Ana Maria

Nina Rodrigues e A loucura epidêmica de Canudos

Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. III, núm. 2, 2000, pp. 139-144

Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233018266009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

Nina Rodrigues e A loucura epidêmica de Canudos

Ana Maria Galdini Raimundo Oda

Sobre o autor e sua obra

Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) – médico maranhense que radicou-se na Bahia – tem seu nome associado à constituição de três campos de saber, no Brasil: a antropologia, a medicina legal e a psiquiatria. Em seu breve tempo de vida escreveu e publicou muito, e seus principais estudos visaram: registrar a cultura dos africanos escravizados e de seus descendentes no Brasil; definir as relações supostas entre raça/alienação mental, raça/crime e degeneração/crime; e teorizar sobre a psicologia coletiva, partindo de casos brasileiros que chamou de “loucuras epidêmicas”.

Partindo da premissa de que haveria “uma reação patológica diferente para os diversos tipos antropológicos de que se compõe a população deste país” (Nina Rodrigues, 1939, p. 193), ele se propôs a estudar essas diferenças, de acordo com os parâmetros científicos da época. Um dos problemas apontados por ele, para a adequada consecução destes estudos, era justamente a precariedade dos critérios definidores de raça no Brasil, falha que pretendeu sanar em suas pesquisas. Acreditava ainda que as três raças

fundamentais (negros, índios e brancos) “transmitem aos produtos de seus cruzamentos caracteres patológicos diferenciais de valor” (idem, p. 203), sendo a competente diferenciação das raças muito importante para a prática médica, tanto para as doenças físicas como para as mentais.

Observe-se que a definição de Nina Rodrigues de transmissão hereditária era anterior aos conceitos da genética clássica que hoje permeiam nosso cotidiano¹. Ele trabalhava com as seguintes noções: as características adquiridas seriam transmitidas aos descendentes; o cruzamento de raças muito diferentes implicaria sempre degeneração física e mental dos descendentes, e essa degeneração poderia se acentuar por influências externas, do ambiente; os mestiços seriam produtos híbridos tanto fisicamente quanto em suas manifestações intelectuais e culturais; entre os degenerados, os instintos atávicos, primitivos, poderiam ressurgir de acordo com as condições ambientais.

Para melhor entender o autor em pauta é preciso recordar que, no fim do século XIX, o conceito de degeneração ou degenerescência era corrente na medicina mental, especialmente entre os autores franceses e italianos, referenciais teóricos de Nina Rodrigues. Tal teoria foi sistematizada por Bénédict Augustin Morel (1809-1873), no *Tratado das degenerescências*, de 1857, onde a degenerescência se definia como desvio de um tipo primitivo perfeito, desvio este transmissível hereditariamente. Mais tarde, a partir de 1870, Valentin Magnan (1835-1916) retomou Morel, mas redefiniu a idéia de degenerescência à luz do evolucionismo, considerando-a um estado patológico, em que o desequilíbrio físico e mental do indivíduo degenerado interromperia o progresso natural da espécie; certos tipos específicos de loucura estariam associados à degenerescência – todo degenerado seria um desequilibrado mental, mas nem todo louco seria degenerado; tal degenerescência poderia ser herdada ou adquirida, manifestando-se em sinais, chamados estigmas, físicos, intelectuais e comportamentais (Ackerknecht, 1964; Bercherie, 1989; Serpa Jr., 1998). A teoria da degenerescência, na vertente sintetizada por Magnan, influenciou muito os estudos médico-psiquiátricos de Nina Rodrigues; outra referência sua, o psiquiatra italiano Cesare Lombroso (1836-1909) partiu também de Magnan para criar uma *antropologia criminal*, muito popular no fim do século XIX, que relacionava degeneração e criminalidade (Ackerknecht, 1964), e cujas teorias Nina Rodrigues procurou testar empiricamente no Brasil.

1. Em fins do século XIX, houve um notável avanço da citologia: em 1883, Auguste Weismann distinguiu as células em duas linhagens, a somática e a germinativa, única responsável pela transmissão hereditária de caracteres – acabou aqui a crença na transmissão das qualidades adquiridas; em 1900, as “leis de Mendel” foram redescobertas e postas em circulação junto aos novos conhecimentos da biologia – no início do século XX, delimitou-se o campo da genética clássica (Serpa Jr., 1998). Nina Rodrigues não viveu para incorporar esses novos conceitos.

Com relação ao estudo do que chamava de “coletividades anormais” e “loucuras epidêmicas” brasileiras, Nina Rodrigues estabeleceu um debate com os fundadores do campo – florescente na época – denominado psicologia coletiva ou psicologia das multidões, tais como, entre outros, Scipio Sighele e Gustave Le Bon. Sua principal crítica a estes autores era não terem dado, a seu ver, o devido valor à influência que a loucura teria no funcionamento das multidões; procurou demonstrar esta influência em seus estudos de casos nacionais, baseando-se sobretudo nos trabalhos sobre a loucura a dois e o contágio mental de Lasègue e Falret e de Marandon de Motyel, e sobre a natureza histérica das manifestações coletivas de loucura, segundo Charcot e sua escola (Nina Rodrigues, 1939).

Por fim, não podemos deixar de fazer referência, ainda que breve, aos estudos antropológicos de Nina Rodrigues, que coletou minuciosamente o depoimento dos últimos africanos na Bahia para estudar a procedência, as línguas, as religiões e os costumes originais e os seus desdobramentos nas práticas religiosas e sociais de seus descendentes brasileiros, como os terreiros de candomblé, por exemplo (Nina Rodrigues, 1932/1982 e 1900/1935).

Norteando a escolha de seus variados objetos de estudo (a cultura negra, o alienado, o criminoso, as loucuras coletivas), evidencia-se uma tentativa de definição da identidade brasileira, preocupação explícita nos textos de Nina Rodrigues e correspondente, na área médica, a um movimento intelectual mais amplo, nas últimas décadas do século XIX e início do século XX. Seu espírito investigativo era genuíno e o levava a dialogar constantemente com seus colegas brasileiros e com os mestres europeus, em publicações nacionais e em periódicos franceses e italianos. Neste sentido, pode-se dizer que Nina Rodrigues procurou fazer uma psiquiatria brasileira que tivesse em conta um certo caráter nacional, mesmo filiando-se a escolas europeias.

141

Sobre o artigo

“A loucura epidêmica de Canudos” foi publicado originalmente na *Revista Brasileira*, em novembro de 1897 (ano III, tomo XII), aparecendo no ano seguinte em francês, nos *Annales Médico-Psychologiques* de Paris (1898, maio-junho). Em 1939, Artur Ramos o republica, junto a outros cinco artigos esparsos de Nina Rodrigues, no volume *As coletividades anormais*, de onde o transcrevemos agora.

O artigo foi escrito pouco antes do término da batalha final de Canudos – como se infere da nota acrescentada por Nina Rodrigues ao primeiro parágrafo – sendo, portanto, do ponto de vista historiográfico, um relato contemporâneo, quase simultâneo aos fatos ocorridos. Não nos cabe aqui examinar se a versão dos fatos descrita pelo autor é exata em seus detalhes, nem se sua interpretação do contexto

social e político em que se deu o fenômeno Canudos seria a mais apropriada². O certo é que Nina Rodrigues, em sua análise conjuntural, nos mostra a sua visão de médico, membro da elite intelectual da época, defensor da república e conhecedor das grandes diferenças existentes entre o mundo rural dos sertões nordestinos e aquele das grandes capitais brasileiras, supostamente europeizadas.

Neste artigo, Nina Rodrigues articula as noções, citadas acima, de raça, degenerescência, atavismo e suas relações com as loucuras individual e coletiva, dentro de um contexto específico que lhes dá cores próprias.

Inicia com a descrição da loucura de Antonio Maciel, classificando seu caso como delírio crônico de Magnan, o equivalente à psicose sistemática progressiva de Garnier. Para o diagnóstico do delírio crônico, Nina Rodrigues utiliza a longa evolução do quadro mental, seguindo Magnan, que em suas *Leçons Cliniques* (1893) descreve quatro fases: a fase inicial inespecífica, uma fase de incubação, com inquietação, nervosismo, busca de explicações para os sofrimentos próprios em causas externas, em que começam as alucinações auditivas; a segunda fase, em que o delírio se coordena e se estrutura, as alucinações se intensificam, a personalidade se altera e se dissocia, há luta contra os sintomas persecutórios e disso decorre debilitação física; na terceira fase, a megalomaníaca, a desagregação mental propicia o aparecimento de idéias de grandeza, a seguir, o delírio de perseguição se atenua, a inteligência enfraquece, preparando a quarta fase, a demência, caracterizada pela indiferença e confusão mental (Bercherie, 1989).

Também como Magnan, Nina Rodrigues considera que é a estrutura geral do quadro que define o diagnóstico, não seus conteúdos, variáveis com a educação, o meio social e a época em que vive o alienado (Bercherie, 1989). A loucura religiosa de Antonio Conselheiro toma tal forma por ser ele mestiço, filho do sertão e com a religiosidade própria deste (medieval, diz Nina Rodrigues), e ele reage aos fatos externos de grande repercussão, como o fim da monarquia, incorporando o atual ao delírio inicial, reformulando-o.

2. Entre os historiadores há divergências quanto aos fatos materiais, por exemplo, quanto ao número de seguidores de Conselheiro e de soldados das tropas do governo, nos sucessivos confrontos travados durante 1896-1897; sobre as condições de fortificação da vila no confronto final; sobre o número total de mortos de ambos os lados etc. Menos ainda se estabelece um sentido único quanto à análise do significado político das lutas que lá se travaram; basta lembrar que a historiografia oficial, da época e mesmo atual, chama o ocorrido de *revolta ou guerra de Canudos*, enfatizando a desobediência civil de rebelados monarquistas e a ameaça à república nascente; autores mais críticos o denominam *massacre de Canudos*, enfatizando o caráter fortemente repressivo dessa atuação do exército brasileiro, um grande genocídio; Antonio Conselheiro já foi descrito como louco, fanático religioso e como revolucionário; o estilo de vida e a organização social dos habitantes do povoado de Belo Monte é alvo de controvérsias etc.

Nina Rodrigues considerava, a princípio, Conselheiro “realmente muito suspeito de ser degenerado, na sua qualidade de mestiço” (Nina Rodrigues, 1939, p. 133); pouco depois do fim dos conflitos, examinou o seu crânio, observando que se tratava de uma peça normal, sem sinais de degeneração. Acresceu a isto os dados que pôde recolher da história pessoal do alienado: este “descendia de uma família cearense valente e belicosa (...)” e de onde proviriam “as tendências, o temperamento belicoso que a loucura pôs em relevo em Antonio Conselheiro” (idem, p. 134). Concluiu, pois, não se tratar de um degenerado, o que confirmaria o diagnóstico de delírio crônico, que segundo Magnan acometeria os “predispostos simples”, indivíduos considerados normais até a eclosão da doença mental (Serpa Jr., 1998).

A seguir, a teoria do contágio vesânico na loucura a dois, de Lasègue e Falret (1877), é transposta para a situação brasileira, e coloca Antonio Conselheiro como o elemento ativo, o íncubo, e a massa que o seguia como o elemento passivo, os súcubos.

Para justificar o grau de influência sugestiva alcançado neste caso de contágio, o autor descreve, de um lado, uma organização social primitiva (muito aquém do que considerava o ápice do progresso, a civilização do homem branco europeu), composta por indivíduos mestiços de negros, índios e brancos, os jagunços, seres híbridos em que o caráter bárbaro da fração selvagem de seus ascendentes (negros e índios) se encontraria mal refreada, pronta para se manifestar violentamente. Em outro artigo, de 1901, Nina Rodrigues admite que entre os seguidores de Conselheiro não haveria apenas indivíduos fanáticos, realmente alienados, mas também outros apenas convencidos ou supersticiosos, outros bandidos e criminosos. Em cada tipo, a influência delirante repercutiria segundo o seu temperamento e as suas predisposições (Nina Rodrigues, 1939).

De outro lado, ressalta, há um momento histórico conturbado, a passagem da monarquia à república, a consequente separação da igreja e Estado e uma crise econômica que deixariam inseguros e insatisfeitos os habitantes do sertão. Vê ele neste contexto o terreno ideal para o desenvolvimento de uma epidemia de loucura, combustível a que um louco poderia atear fogo.

Mas não haveria de ser qualquer louco, e sim um louco profeta, mestiço como a massa que o seguia. A mestiçagem traria a predisposição à alienação mental, a sugestionabilidade e o desequilíbrio mental necessários ao contágio vesânico e daria (quase literalmente) a cor brasileira aos fenômenos que os estudiosos da psicologia das multidões tinham descrito na Europa.

143

Referências bibliográficas

- ACKERKNECHT, E.H. (1964). “El problema de la degeneración”. In *Breve historia de la psiquiatría*. 2^a ed. Buenos Aires: Universitaria, pp. 37-41.

- BERCHERIE, P. (1989). "Magnan". In *Os fundamentos da clínica: história e estrutura do saber psiquiátrico*. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 149-160.
- NINA RODRIGUES, R. (1939). "A loucura epidêmica de Canudos". In *As coletividades anormais*. Organização, prefácio e notas de Artur Ramos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp. 50-77.
- _____. (1939). "Os mestiços brasileiros". Op. cit., pp. 195-205.
- _____. (1939). "A loucura das multidões – nova contribuição ao estudo das loucuras epidêmicas no Brasil". Op. cit., pp. 78-152.
- _____. (1935). *O animismo fetichista dos negros baianos*. Prefácio e notas de Artur Ramos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (originalmente publicado em 1900, em francês).
- _____. (1982). *Os africanos no Brasil*. 6^a ed. Organização e prefácio de Homero Pires. São Paulo: Ed. Nacional (originalmente publicado em 1932).
- SERPA JR., O.D. (1998). "Genes: do colar de pérolas ao ADN". In *Mal-estar na natureza – estudo crítico sobre o reducionismo biológico em psiquiatria*. Rio de Janeiro: Te Corá, pp. 168-178.
- _____. (1998). "Os destinos da teoria da degenerescência". Op. cit., pp. 137-150.